

A escrita feminina negra na literatura da Amazônia maranhense: registros e subjetividades

Black women's writing in the literature of the Amazon region of Maranhão:
records and subjectivities

Maria de Nazaré Barreto Trindade¹

Semec/Belém

moaraufpa@hotmail.com <https://orcid.org/0000-0003-1754-9385>

Rosa Elizabeth Acevedo Marin²

PPGA-IFCH-UFPA

rosaacevedomarin@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-7509-3884>

DOI [10.5281/zenodo.13701969](https://doi.org/10.5281/zenodo.13701969)

Resumo

Este artigo tem como propósito apresentar a tese de doutorado intitulada “A ‘Senhora do Reino Encantado de Guimarães’³ e suas contemporâneas: Antropologia e Literatura na Trajetória da Escrita Feminina Negra na Amazônia entres os séculos XIX e XX”, defendida em abril de 2022 no programa de pós-graduação em Antropologia. Na pesquisa, Antropologia e Literatura dialogam por meio da etnografia enquanto concepção teórico-metodológica que fundamenta uma espécie de “arqueologia” do conhecimento acerca das mulheres que escreveram diferentes gêneros textuais - crônicas, poemas, romances e contos, cujos textos ficaram à sombra da historiografia literária. São questões relevantes no contexto de intensificação das discussões em torno da construção de novas relações de poder e da democratização do acesso aos bens culturais no Brasil. Assim, encaramos a literatura como campo de poder, espaço construído histórica e socialmente, no qual as publicações e o acesso foram controlados por homens, brancos e de classes sociais privilegiadas. Neste artigo, faço um breve recorte trazendo algumas reflexões acerca da produção escrita e das subjetividades de três escritoras maranhenses.

Palavras-chave: Mulheres; Literatura; Antropologia; Subjetividade.

¹ Doutora em Antropologia Social. Professora. Autora do livro “Palavras entre rios e ruas: ensaios sobre Literatura na Amazônia”.

² Doutora em História e Civilização. Professora da UFPA. Pioneira e titular do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da UFPA e PPGA. Colaboradora de diversos projetos coletivos, contemporânea da pluralidade do seu Espaço- Tempo científico em diversos contextos, reconhecida internacionalmente e na PAN AMAZÔNIA nos estudos com quilombolas, indígenas e comunidades tradicionais.

³ O termo Senhora do Reino foi dado a Maria Firmina por de um autor maranhense.

Abstract

This article aims to present the doctoral thesis entitled "The 'Lady of the Enchanted Kingdom of Guimarães' and its contemporaries: Anthropology and Literature in the Trajectory of Black Women's Writing in the Amazon between the nineteenth and twentieth centuries", defended in April 2022 in the graduate program in Anthropology. In the research, Anthropology and Literature dialogue through ethnography as a theoretical-methodological conception that underlies a kind of "archaeology" of knowledge about the women who wrote different textual genres – chronicles, poems, novels, short stories, whose texts remained in the shadow of literary historiography. These are relevant issues in this context of intensifying discussions around the construction of new power relations and the democratization of access to cultural assets in Brazil. Thus, we also see literature as a field of power, a historically and socially constructed space, in which publications and access were controlled by men, whites and from privileged social classes. In this article, I make a brief excerpt bringing some reflections about the written production and subjectivities of three women writers from Maranhão.

Keywords: Women; Literature; Anthropology; Subjectivity.

1. INTRODUÇÃO



Nós estamos num momento em que temos a liberdade, mas também quase a obrigação de desobedecer às linguagens que nos foram dadas. É importante fazer isso. É importante criar novos discursos, novas narrativas, novas imagens, novos movimentos.

Grada Kilomba (2019)

Na graduação em Letras/UFPA (2005-2010) observei que a pesquisa sobre a literatura produzida na Amazônia era bem restrita a alguns estudos sobre a obra de Bruno de Menezes, em especial, o Batuque e alguns estudos sobre o poeta Max Martins e sobre Dalcídio Jurandir.

Decidi estudar uma personagem feminina chamada Maria Mucuí do conto “A Feiticeira” de Inglês de Sousa. É uma personagem que carrega uma identidade indígena de benzedeira. Era ela quem fazia as curas, as mesinhas e os remédios na velha Óbidos/PA. Muitas histórias eram contadas sobre ela, algumas narravam que virava um bode negro e subia no telhado da casa. Segundo as pessoas, ela teria tido um caso amoroso com o vigário da cidade.

Para além dessa caracterização - tipo social explicitada na obra inglesa - fiz um estudo considerando os aspectos que os Estudos Culturais⁴ discutem, como o conceito de identidade, para dizer que as identidades – nesse caso, a indígena, foram

⁴ Campo de conhecimento que surgiu “Forma organizada, através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra. Inspirado na sua pesquisa, *The Uses of Literacy* (1957), Richard Hoggart fundou em 1964 o Centro. Ele surge ligado ao English Department da Universidade de Birmingham, constituindo-se num centro de pesquisa de pós-graduação da mesma instituição. As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, vão compor o eixo principal de observação do CCCS (Escosteguy 2001:152).

transformadas/fragmentadas no processo de colonização pelo encontro/confronto desses povos com seu outro - o branco - sua cultura, seus rituais, suas crenças, suas formas de tratar o alimento e suas relações de sociabilidade. Tudo foi invadido, o colonizador invadiu corpos e almas.

Foram alguns aspectos especiais da obra de Inglês de Sousa que me chamaram a atenção, tais como: as relações de poder marcadas em sua literatura; o encontro entre tapuios e brancos; e a sua escrita literária recheada de preconceitos e estereótipos sobre os que habitavam as margens dos rios. Entre eles, me incomodou a ausência de mulheres tanto como personagens quanto produtoras de literatura.

As palavras de Kilomba expressas na epígrafe (2019) me motivaram a propor algo diferente, foi, assim, que propus a construção de uma cartografia da presença feminina negra na literatura produzida na Amazônia. Nesse processo, as questões étnico-raciais, o racismo estrutural e a presença da mulher nos diferentes espaços de poder emergiram e nortearam a escrita e a sistematização de conhecimentos sobre as autoras e os autores negros na região física, cultural, histórica, social e política da chamada Amazônia.

Neste artigo, expõe-se algo da subjetividade das autoras Maria Firmina dos Reis (1822-1917), Mariana Luz (1871-1960), Laura Rosa (1884-1976), Leonette Oliveira (1888-1969), trata-se um pouco do riscado de suas existências no mundo, ou como bem aponta Evaristo (2016), suas escritas de vida ou escrevivências⁵:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos (Evaristo apud Duarte; Cortês & Pereira 2016:11).

As autoras que referencio são personagens de histórias que aos poucos vão sendo desarquivadas e reveladas em publicações e pesquisas, são as senhoras encantadas ou as

⁵ Conceito criado por Evaristo (2016).

mães pretas⁶. Assim, faço referência às suas formas de resistir e tornar pública suas escrituras, seu modo próprio de ver o mundo, suas narrativas expressas em poemas, crônicas, álbuns, romances e críticas. Para tal, o texto está dividido em duas seções: a primeira faz um apanhado das questões centrais da pesquisa desenvolvida; a segunda seção discute e realça os textos coligidos a partir de folhetins, publicações avulsas em periódicos ou em livros já publicados.

2. ANTROPOLOGIA E LITERATURA - DIÁLOGO NECESSÁRIO

Realizei o que chamei de uma escavação antropoliterária, entendida como um processo dinâmico de apreensão de informações históricas e literárias na busca de compreensão e explicação de determinado tema, à luz de um contexto histórico, social e político. Neste processo, lancei mão das discussões sobre etnografia enquanto “[...] a ideia-mãe da antropologia, ou seja, não há antropologia sem pesquisa empírica” (Peirano, 1998 apud Trindade, 2022). A empiria – eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que nos afeta os sentidos –, é o material que analisamos e que, para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovação. Peirano (1998) diz que a etnografia é para nós antropólogos o nosso chão.

A etnografia me possibilitou dialogar com poéticas variadas, textos, imagens e resenhas para expressar as vozes inaudíveis de mulheres que ousaram escrever apesar de viverem ainda sob o mais forte jugo da sociedade patriarcal brasileira. Neste sentido, penso que o texto etnográfico e a escrita literária são expressões que mantêm encontros, no sentido de que as duas formas são reescritas da realidade e da cultura. Portanto, é tarefa fundamental no contexto atual qualificar/legitimar essas formas literárias.

Sugiro pensar a literatura sob a chave de interpretação da antropologia e, deste modo, proponho uma antropologia da literatura ou uma antropoliteratura com a indefinição de fronteiras, de fronteiras moventes. Deste modo, discuto outros parâmetros sob os quais se alumia a literatura produzida no país, especialmente, na Amazônia. Problemático o cânone e questiono os parâmetros do processo civilizatório que produziram histórias e culturas literárias que subtraíram aos compêndios e às grandes antologias. Destaco os nomes de mulheres, especialmente, de afrodescendentes. Reflito sobre a maneira e os porquês de como isso se deu e se inscreve no espaço de luta e poder nas sociedades vivenciadas por elas.

Regina Dalcastagnè (2012) diz em um de seus trabalhos que a literatura é um espaço contestado, mas o que significa isso? Quem escreve e quem publica no Brasil? Em sua maioria são homens, brancos, de classe média para cima, que se localizam espacialmente

⁶ De acordo com Lélia, a mãe-preta, de forma consciente, ou inconsciente, acabou por passar os valores africanos e afro-brasileiros para as crianças brancas de que cuidou. Em especial, ela africanizou o português, e o ensinou, transformando-o em português. A língua de dominação foi subvertida e ressignificada para marcar a resistência que dela fizeram negros e indígenas (Gonzalez 2018:23).

no eixo sul-sudeste, por isso, a literatura é um território contestado. No geral, é muito difícil para as chamadas classes subalternas, para negros, povos indígenas publicarem, porém essa é uma história que estamos aos poucos mudando.

Hoje acompanhamos a entrada da Professora Conceição Evaristo na academia mineira de letras. Eu a entrevistei em 2017, naquele momento ela dizia o quanto era difícil para as mulheres negras publicarem. Ela iniciou no *quilombhoje*⁷ e hoje compõe o mapa de escritoras e escritores importantes na literatura brasileira, assim como Ailton Krenak que teve sua candidatura aprovada na Academia Brasileira de Letras, enquanto a Conceição não foi aceita. Somos um país onde as relações patriarcais, machistas e racistas são ainda muito fortes.

Minha pesquisa de doutorado foi desenvolvida em três fases. Na primeira fase foi realizado um amplo levantamento em arquivos virtuais e físicos, o que resultou numa quantidade de documentos digitais considerável em que são evidenciadas quatro autoras nascidas em terras maranhenses: Maria Firmina dos Reis (1822-1917), Mariana Luz (1871-1960), Laura Rosa (1884-1976), Leonette Oliveira (1888-1969) e outras autoras. Na documentação observada, inclusive em algumas imagens, além de alguns materiais já publicados sobre as três primeiras autoras, elas são identificadas como negras ou afrodescendentes.

Na segunda fase da pesquisa fiz um processo de cotejamento do material bibliográfico e documental levantado, usando a lupa das referências do feminismo negro e da discussão da antropologia política para ver além do dito, aquilo que foi sequestrado da história dessas mulheres. Descrevi as possíveis conexões da produção literária das autoras com o momento social, político e econômico vigente, ou seja, final do século XIX e início do XX. Me dediquei nas tramas que levaram ao quase apagamento de suas escritas, da amplitude de suas produções, os seus reconhecimentos enquanto escritoras negras e as vozes das pessoas negras como representação ou enunciadoras. Finalmente, na terceira fase fiz a sistematização do conteúdo encontrado, diálogo com as teorias e escrita final da tese.

3. “OUSAR FALAR, OUSAR ESCREVER”- SUBJETIVIDADES

A produção do conhecimento sobre a literatura produzida por mulheres passa pela insurgência dessas mulheres. Tedeschi pondera que “durante muito tempo foram negadas às mulheres a autonomia e a subjetividade necessárias à criação, consequência da manipulação e do controle tanto da palavra quanto da escrita” (2018: 4). Para o historiador

⁷ *Quilombhoje* foi fundado em 1980 por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros, com o objetivo de discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura e promover a difusão de conhecimentos e informações, bem como desenvolver e incentivar estudos, pesquisas e diagnósticos sobre literatura e cultura negra. Disponível em: *Quilombhoje* – Quilombhoje, acesso em jan. de 2024.

“o patriarcado teve uma função na história, determinou e confinou as ferramentas do pensar, vedando às mulheres o livre exercício da autonomia do narrar e do escrever, desse modo construiu e reproduziu uma memória implacável, imóvel, endurecida e controladora” (Tedeschi 2018:5).

Portanto, trazer as mulheres para a superfície da história significa não apenas valorizar a sua escrita literária, mas considerar a sua existência enquanto ser – vivente e escrevente numa sociedade em construção. Tedeschi (2018) faz uma crítica às formas de controle do patriarcado. No contexto do Maranhão oitocentista, a autonomia e a liberdade de se posicionar e agir, possivelmente, não foram ações tranquilas. A subjetividade feminina além de negada era algumas vezes violentada por um poder patriarcal e sexista.

Contar a história de mulheres negras no contexto da sociedade brasileira pretendeu ser mais uma contribuição considerando a necessidade de existir e re(sistir) aos mecanismos de controle e de apagamento dos corpos negros na sociedade brasileira. Segui os rastros, fragmentos, questões, enlaces, palavras, vidas, tramas de vida e do cotidiano - de ousadas mulheres, senhoras do seu tempo, que circularam; viajantes por cinco municípios do Maranhão: São Luís, a capital, Caxias, Itapecuru-Mirim, Guimarães e Rosário.

Trata-se de professoras que faziam trajetos da capital aos municípios, cada uma com suas peculiaridades e contextos históricos específicos. Falar delas remete a contexto de vida, informações desarquivadas ao longo dos cinco anos de estudo, em diversos suportes: obras escritas, blogs, sites que já traziam um pouco dessas mulheres e de tantas outras. Observo nesse processo que seus nomes sofreram de um apagamento nos registros oficiais de determinados momentos, mas suas escritas permanecem registradas em folhetins, publicações avulsas, periódicos e livros já publicados.

A tese defendida, portanto, visou fortalecer uma visão histórica e política de conhecimentos muitas vezes fragmentada, pois não seria possível recompor a inteireza dessas subjetividades, o que se tem são “vestígios documentais” que nos levaram a inferir sobre a trajetória das escritoras. Das três autoras, apenas de Laura Rosa não encontrei nenhuma publicação, apenas informações em um blog de um poeta de Caxias. Sobre a literatura de Maria Firmina dos Reis existe uma vasta bibliografia, incluindo livros publicados, teses, monografias e um romance intitulado *Firmina*⁸. Sobre a senhora de Itapecuru Mirim encontrei um livro de sua conterrânea Jucey Santana e alguns artigos.

Interpreto que três elementos do contexto impactam na produção e divulgação das obras das escritoras: 1. A educação – pois são professoras e possuem um vínculo com o conhecimento, com os diversos saberes, com a leitura, inclusive de clássicos, mesmo que cada uma a seu modo, com dificuldades e limitações, todas três acessaram uma gama de

⁸ Romance escrito por Bárbara Simões, onde Maria Firmina é personagem. A autora a partir de informações documentais ficcionais a vida Firmina na velha Guimarães do Maranhão.

conhecimentos; 2. A Imprensa, especialmente no Maranhão no período em que Maria Firmina começou a publicar, existiu um grande movimento de periódicos com todas as finalidades e temas políticos, sociais e literários; 3. Acesso às academias, às associações literárias e a sociedade em geral, essas mulheres tinham certo poder de movimentação e ação nos espaços em que viviam e circulavam, o que nos leva a intuir uma sociabilidade mais ampla que a frequência aos salões e espaços religiosos.

3.1 As escritoras – alguns rastros

As informações encontradas sobre as autoras foram organizadas em quatro categorias, privilegiando as resenhas críticas sobre alguns textos e os conteúdos da produção literária delas, subdivididos da seguinte forma: 1) Informações e fragmentos de jornais sobre a vida profissional e social; 2) Fragmentos de textos escritos para as colunas de jornais, 3) Textos importantes da crítica feita por elas ou sobre elas por outros literatos da época; 4) Textos gerais sobre como as mulheres eram vistas no contexto oitocentista visando uma discussão sobre as teorias que cercam o feminino em relação a espaços de sociabilidade, relacionamento e acesso aos bens culturais.

A hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital (BND) traz várias ocorrências sobre Maria Firmina dos Reis. As categorizei em três tipos de textos: nos jornais como “Publicador Maranhense”, em questões trabalhistas; Echo da Juventude: Publicação dedicada à Literatura (MA), textos literários, caso também de o “Semanário Maranhense” que publicou em 1868, “A Lua Brasileira” (Figura 1) e ainda poemas; O romance considerado indigenista Gupeva – Romance Brasiliense no Almanak Histórico de Lembranças Brasileiras

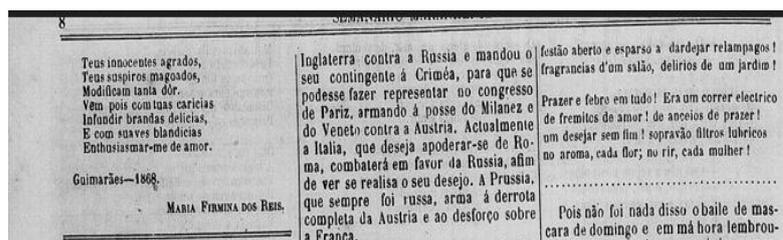


Imagem 1 - Excerto do poema Lua Brasileira Biblioteca Digital Nacional, 1868.

Em 1859, no jornal? “O Jardim das Maranhenses”, o editor anuncia que começará a publicar Romance de autoria da professora Maria Firmina dos Reis. O período de maior afluência da autora se estende desde suas primeiras publicações em 1859, ano da publicação de Úrsula, até mais ou menos 1881, quando a então professora se aposentou. O seu reconhecimento neste século deve-se ao escritor paraibano Horácio de Almeida que por volta de 1967 encontrou num velho sebo no Rio de Janeiro uma edição *fac-símile* de

Úrsula, ainda assinada por “uma maranhense”. Posteriormente, Nascimento Moraes que a partir dessa cópia organizou um conjunto de informações sobre a autora.

Considerado primeiro romance abolicionista, Maria Firmina, em *Úrsula*, é a contadora de histórias da África, tal descrição aparece em dois momentos do romance. Na nona parte do romance, intitulado ‘A preta Suzana’, a voz da escrava é amplificada em sua narrativa sobre como se deu o cativeiro:

Vou contar-te o meu cativeiro.

Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o mendubim eram em abundância nas nossas roças. Era um desses dias em que a natureza parece entregar-se toda a brandos folgares, era uma manha risonha, e bela como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza. Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível pesar. Minha filha sorria para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência semelhava um anjo. Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe, e fui-me à roça colher milho. Ah! Nunca mais devia eu vê-la... (Reis 2017: 102).

Pondero que “A principal originalidade da obra de Firmina é trazer para o tecido textual, uma narrativa do escravizado enquanto ser – humano, humanizado pelos sentimentos, pela fala, pelo dizer-se, por seu ser-no-mundo, ser a quem é devolvida a humanidade”(Trindade 2022:202). Os personagens Túlio e Suzana corporificam uma tendência diferente da escrita romanesca. Ao escravizado é devolvida sua humanidade, expressa em passagens do romance, por exemplo, no trecho em que Suzana relata as atrocidades do cativeiro e mesmo após a morte do senhor considera a bondade da esposa e filha, apesar de tudo ter-lhe sido retirado pela escravização, ela pondera a ternura e consideração às senhoras,

O senhor Paulo B....morreu, e sua esposa e sua filha procuraram em sua extrema bondade fazer-nos esquecer nossas passadas desditas! Túlio, meu filho, eu as amo de todo o coração, e lhes agradeço: mas a dor que tenho no coração, só a morte poderá apagar!-Meu marido, minha filha, minha terra... minha liberdade....(Reis 2017:104)

Nota-se na escrita de Maria Firmina que há a todo o momento fragmentos da brutalidade da escravização de seres humanos pelo colonizador, mas também existe certa alteridade dos escravizados em relação aos senhores, ou seja, a capacidade de ver o outro, de considerá-lo e isso está presente no romance desde o primeiro momento quando o “escravo” Túlio encontra o protagonista branco ensanguentado na estrada e o salva.

As reflexões em torno da escrita dessas mulheres me levaram a supor que para sobreviver ao mundo proibido dos homens suas escritas estão relacionadas inicialmente à religião, depois a um fértil imaginário ligado à leitura de romances e finalmente uma escrita marcada pelo cotidiano, em alguns casos bem idealizados nas escritoras do dezenove. É bem marcante na escrita de Firmina a divagação em torno de um sentimento associado aos elementos naturais, possivelmente há uma aproximação bem forte com o parnasianismo, como se observa na evocação da proximidade entre o ser - humano e as manifestações naturais: terra, bosque, mar, praia e lua são marcadores dessa escrita interativa, no poema Meditação dedicado à sua irmã, Firmina entoou: “o vento sussurra triste” (Reis apud Moraes, 1975).

Muito do que cotejei sobre Mariana Luz e Laura Rosa permanece inédito, portanto, eu diria que há muito a se fazer para tornar pública a produção dessas autoras. Segui os rastros delas em periódicos do século XIX, disponíveis na Biblioteca digital onde encontrei textos no Pacotilha, O domingo, entre outros.

Sobre Marianna Luz há uma publicação de Jucey Santana⁹. Marianna Luz nasceu em 10 de dezembro de 1871 no Município de Itapecuru-Mirim. Filha de João Francisco da Luz, português e Fortunata da Luz, afrodescendente. Não publicou em vida, seu reconhecimento foi tardio. Em 1956 seguinte notícia no jornal: Ela, “ainda escreve seus versos na cidade de Itapecuru-Mirim, onde durante mais de meio século, ensinou gratuitamente às crianças pobres de sua terra”(Pacotilha 28/02/1956).

No Diário de São Luís de 9 de setembro de 1922, lê-se que em Itapecuru haverá uma extensa programação do centenário da independência do Brasil, e entre os oradores, a presença da “inspirada poetisa Mariana Luz”. Senhora do seu tempo, Mariana tem uma participação ativa na sociedade, seja nas letras, na educação, na vida social e em questões políticas. Essa diversidade explica a sua escrita em diferentes gêneros textuais: dramaturgia, cantos litúrgicos, orações, crônicas e poemas. Marianna tinha preferência por sonetos. É de sua lavra o soneto publicado em Pacotilha 5/06/1895, grafia original:

DESDITOSA

Porque choras? Qual é o sofrimento
Que a face tua traz tão macerada?
Em plena primavera já murchada
Tens a esperança n'um sofrer cruento?

Porque trocastes o cristalino riso
Que nos teus lábios borbilhava outr'ora

⁹ Jucey Santos de Santana, assim como Marianna Luz nasceu em Itapecurú. É graduada em Direito com pós-graduação em Direito do Trabalho e Metodologia da Língua Portuguesa. Tem uma publicação intitulada "Marianna Luz: vida e obra e coisas de Itapecurú- Mirim, 2014.

Por este ardente pranto que descora
O rosto teu onde o pesar diviso?

És infeliz? Não creio. N'essa idade
Só sabe o lábio rir e a felicidade
Matiza-nos a vida de esperança...

Enxuga, pois, o pranto que em teu rosto
Imprime a fundos traços o desgosto:
É cedo ainda para chorar criança.

Destaco nesse soneto a riqueza na escolha vocabular da escritora, parece um momento de muita inspiração e possivelmente de mais leveza na vida e seu cotidiano. Afinal, “Só sabe o lábio rir e a felicidade... Matiza-nos a vida de esperança...” Outro poema de sua lavra, com um tom mais melancólico que ela assina com o pseudônimo Hector Moret (Pacotilha 28/08/1895).

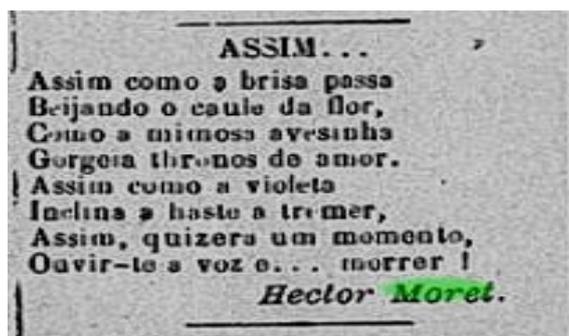


Imagem 2 - Poema “Assim” de Marianna Luz, Hemeroteca da BNDigital

A terceira escritora, poeticamente chamada de Violeta do campo, era a professora normalista Laura Rosa, acadêmica fundadora em 1943 da cadeira de número 26, foi a primeira mulher a ter assento na Academia Maranhense de Letras- AML, da qual tornou-se sócia coletiva com sua obra “Promessa”. Apesar desse pioneirismo, até o momento da pesquisa do ano 2021, ainda não constava sua biografia no site da instituição, assim como não constava também a de Marianna Luz. A escritora nasceu no dia 1 de outubro de 1884 na cidade de São Luís, filha de Cecília da Conceição e de pai não declarado. Em 12 de janeiro de 1910 recebeu o diploma de normalista e no dia 18 do mesmo mês foi nomeada para assumir como professora no município de Caxias.

No compêndio Antologia Maranhense organizado por Sá Vale aparecem em meio a quase noventa nomes de poetas considerados “homens ilustres” – entre estes: Gonçalves Dias, Aluísio de Azevedo, Catulo da Paixão Cearense, timidamente três escritoras: Laura Rosa (A Carnaubeira); Carlota Carvalho (Carolina) e Leonete Oliveira (Gottas de pranto). Note-se que Maria Firmina dos Reis, romancista e poeta, e Mariana Luz, a tão cantada

poeta de Itapecuru-Mirim, não tiveram o privilégio de constar na coletânea organizada por Sá Valle. Examinando a Antologia, na página 103, Laura Rosa é assim descrita: “LAURA ROSA, competente professora e poetisa de brilhante inspiração.

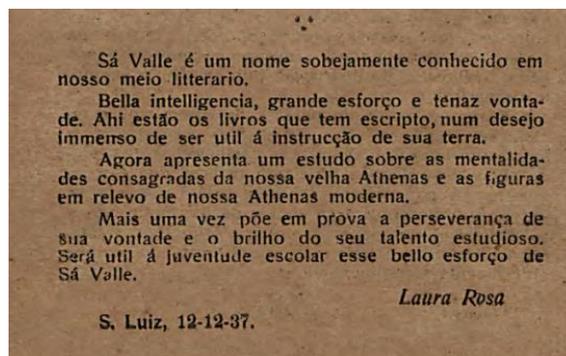


Imagem 3 - Comentário de Laura Rosa a antologia organizada por Sá Valle, BBL

Sobre a escrita de Laura Rosa é interessante comentar que na antologia assim como em outros textos posteriores ela demonstra ter uma verve crítica muito forte. No seu comentário ao autor da *Antologia*, Laura Rosa em 12/12/1937 enaltece o esforço de Sá Valle, mostra na sua escrita como era preocupada com a instrução, marcando sua atuação na sociedade maranhense desde sua formatura como normalista em 1909.

Considero importante trazer um pouco do que encontrei até agora sobre essa senhora encantada de Caxias, afinal, é importante reconstruir as referências históricas desses personagens. Assim, narro sua trajetória de vida e escrita por meio de diversos fragmentos de jornais do Século XIX e início do XX, além de revistas e outros materiais digitalizados aos quais tive acesso e que dão pistas de uma mulher com uma ampla participação na sociedade da época. Interessada com as temáticas vigentes e principalmente com os temas pedagógicos ligados à educação das crianças. Entrou na literatura em 1920, no entanto, bem antes de se tornar normalista já havia publicado em diversos periódicos da época.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Penso que o presente artigo faz um recorte da pesquisa que traz uma contribuição mesmo que ainda bem pontual à discussão em torno da reelaboração da experiência dos afrodescendentes no contexto das Américas, em especial da América Latina e do Brasil (Gonzalez), onde se dá o aprofundamento de uma nova episteme que traz a voz oculta durante séculos para ouvidos e bocas do século XXI.

Pensar antropológicamente a literatura significa, portanto, estabelecer um novo olhar sobre os agentes sociais, os produtores de cultura que por meio da literatura expressam marcas de relações estabelecidas em determinado tempo e momento histórico. Esses registros estão presentes na escrita das autoras evidenciadas ao longo deste trabalho. Suas formas de registro da escrita, em diários, poesias, contos, romances, artigos e pequenas crônicas são conexões que elas mantinham com o seu tempo e a realidade vivida que no curso de suas existências foram se modificando.

Reitero algumas condições que no contexto brasileiro deste século XXI nos proporcionaram vir a conhecer a produção de autoria feminina: a pesquisa acadêmica, especialmente nas universidades públicas, vêm produzindo um material interessante sobre a escrita afro-brasileira, como por exemplo, as duas antologias de escritoras do Século XIX organizadas por Muzart (2004); que deram origem a discussão sobre “A Mulher na Literatura”.

Uma segunda condição, não menos importante do acesso a essa literatura foi a organização do Movimento Negro com maiúsculas reivindicações de reconhecimento social, político, cultural e o protagonismo das mulheres negras; enquanto segmento intelectual que, a partir da década de 1970, se fez mais presente no eixo sul-sudeste do país. Esse protagonismo incorporou questões relevantes do feminismo negro e das lutas em torno de conquistas sociais e econômicas desse segmento majoritário da população brasileira que a partir dos encontros em nível nacional e local vem tomando corpo e compoendo uma agenda de lutas na Amazônia, incluindo-segmentos dos povos indígenas em torno de questões comuns, como os casos de violência e da discriminação contra a mulher.

Por último, um conjunto de questões legais em torno do acesso à educação superior pelo sistema de cotas, de setores antes alijados, a incorporação de discussões étnico-raciais no contexto da Educação Básica através de legislação específica (Leis 11.645 e 10.639) passaram a se cumprir, além do fomento e de orientações via Ministério da Educação e criação de Secretarias especiais em níveis Nacional, Estadual e Municipal, vide Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - SEPPIR, criada em 2003, e Conselhos Estaduais e municipais.

A ação de uma antropologia pautada nessa busca dinâmica de rastros possibilitaria atitudes mais pontuais e uma reação mais politizada dos agentes sociais atuais às diferentes formas como o racismo e sexismo se apresenta na sociedade brasileira, em especial, o racismo epistêmico que criou e continua criando na contemporaneidade dificuldades para que vozes “não autorizadas” ou não “legitimadas” sejam conhecidas.

As pesquisas e o devido retorno dessas ideias à sociedade produzem mecanismos ideológicos de enfrentamento do real e fomentam a reação política dos setores subalternizados da sociedade. O racismo epistêmico invalida qualquer outro conhecimento que não seja ocidental e branco. Assim, problematizar as relações de

gênero, as relações raciais, uma vez que a perspectiva desse racismo impõe um homem branco e ocidental como sinônimo de uma pretensa humanidade (Gonzalez 2018) é escrever outra narrativa que incorpore a crítica à produção escrita de Maria Firmina, Marianna Luz e Laura Rosa; que registraram e vocalizaram vastas experiências do seu tempo.

REFERÊNCIAS

Adler, D. A., 2017. *Maria Firmina dos Reis: uma missão de amor*. São Luís: Academia Ludovicense de Letras

Antologia da Academia Maranhense de Letras (1905 -1958). 2008. São Luís: Academia Maranhense de Letras/MA.

Brasil. Lei 11.645. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, 2008

Dalcastagnè, R. 2012. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ.

Duarte, Constância Lima; Côrtes, Cristiane; Pereira, Maria do Rosário Alves (Org.). *Escrivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016.

Furtado, L.M. 2017. *Memorial de Maria Firmina: Prosa Completa e Poesia*. Livro 01. São Paulo: Editora Uirapuru.

Gonzalez, L. 2018. *Primavera para as rosas negras*. Diáspora africana: Editora Filhos da África

Kilomba, G. 2019. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* /Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Cobogó.

Marques, C.A. 1863. *Almanach das Lembranças Brasileiras*. Maranhão, 2 ano.

Moraes Filho, J. N. de (Org.) 1975. *Maria Firmina dos Reis. Fragmentos de uma vida*. São Luís, Governo do Maranhão.

Muzart ,Z. L. (Org.). 2004. *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

- Peirano, M. 1998. Antropologia política, ciência política e antropologia da política. In: *Três ensaios breves*. Série Antropologia. Brasília: UNB, n. 230.
- Perrot, M. .2007. *Minha História das Mulheres*. Tradução: Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto.
- Reis, M. F. dos. 2017. *Úrsula: romance; A escrava: conto*. 6 ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas.
- Rosa, L. *Antologia da Academia Maranhense de Letras (1905 -1958)*. 2008. São Luís: Academia Maranhense de Letras/MA.
- Santana, J. 2014. Marianna Luz- vida e obra e coisas de Itapecuru-mirim. Itapecurum: editora.
- Simões, B. 2019. *Firmina*. Rio de Janeiro: Malê.
- Sousa, I. 2005. A Feiticeira. In: *Contos Amazônicos*. Belém: EDUFPA, p. 45-55
- Tedeschi, L. A. 2018. Por uma história menor – uma análise deleuziana sobre a história das mulheres. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 26(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n146069>. Acesso em Janeiro de 2020
- Trindade, M.N.B A “Senhora do reino encantado de Guimarães” e suas contemporâneas: Antropologia e Literatura na trajetória da escrita feminina negra na Amazônia do entresséculos XIX e XX. *Tese de Doutorado* (Programa de Pós-graduação em Antropologia). Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/15629>.

Agradecimentos

Aos editores do Caderno 4 Campos pelo convite. As nossas ancestrais. Axé.

Data de envio (Recebido) 09 de maio de 2024

Aceito em 20 de junho de 2024